

Esperança guia mães e filhos para a Capital

Com três filhos na bagagem, sonhando com um emprego e a casa própria, a viúva Waldemira Rocha, de 45 anos, chegou a Brasília há seis meses. O sonho virou pesadelo. Desempregada, Waldemira construiu com as próprias mãos um pequeno barraco na favela Olho D'Água, no Plano Piloto, onde o único privilégio é o cenário de fundo: a bela Esplanada dos Ministérios. "Fugi da seca, mas não me livro da miséria", diz a piauiense de Caracol, marcada pelo excesso de rugas precoces e pela teimosa esperança de criar seus filhos com dignidade.

Mesmo enfrentando a fome, as doenças e a violência que rondam a favela Waldemira prefere permanecer na cidade a voltar para a seca nordestina. No mês passado, suas esperanças se renovaram quando seu barraco de três por cinco metros foi marcado por técnicos do governo, que prometeram para amanhã a remoção dos favelados para um assentamento semi-urbanizado em Sobradinho, cidade-satélite a 25 km do Plano Piloto.

A maioria dos moradores da favela é composta de mulheres sozinhas, mães de mais de quatro crianças, cuja renda mensal é menor do que o salário mínimo (NCzs 63,90). A principal forma de sobreviver é "conseguir" um companheiro que divida as despesas. Os homens, por sua vez, vivem de "bicos" para tentar sustentar as famílias. Maurílio Lage, de 30 anos, por exemplo, por seus conhecimentos de eletricidade e mecânica, destaca-se entre a vizinhança de sua favela, que sempre solicitou seus serviços. Pai de dois filhos, Maurício espera que o governo "venha buscar a pobreza".